

Representação, discurso e identidade(s) “At The Play Fields of Lord (Brincando nos Campos do Senhor)” 1991: Uma narrativa cinematográfica da Amazônia.

QUEITON CARMO DOS SANTOS *

O presente trabalho tem o intuito de analisar as representações e os discursos a partir da segunda metade do século XX a respeito da Amazônia e suas sociabilidades históricas, problematizar a discussão sobre identidade(s), a luz do movimento decolonial e pós-colonial. Para isso será abordada a narrativa do filme “At the play fields of Lord” (Brincando nos Campos do Senhor). Um longa-metragem lançado em 1991 dirigido pelo cineasta argentino naturalizado brasileiro Héctor Eduardo Babenco, baseando-se no livro homônimo ao filme escrito pelo norte-americano Peter Matthiessen em 1965. A partir desses pontos iniciais que esse trabalho se volta, enfatiza-se em torno desse lugar real e ao mesmo tempo metafórico, ora aos “campos do senhor”, ora ao “inferno verde”, antes nomeado pelos colonizadores de “região das Amazonas”, hoje chamada de Amazônia. De onde muitas vezes, emana uma distorcida abstração construída historicamente de categorias por meio de identidades pensadas fixamente como “indígenas, ribeirinhos, caboclos” e outros grupos sociais. Por fim, torna-se necessário a investigação e demonstração dos imaginários que ainda legitimam certos discursos de civilização, de ocidentalização e de visões eurocêntricas para que esses possam ser superados.

Palavras-Chave: Amazônia, Identidades, Abordagem Decolonial.

¹ Graduando em História pela Universidade Federal do Amapá. Trabalho apresentado no “V Congresso Internacional De História: Novas Epistemes E Narrativas Contemporâneas”

A inquietação é já um princípio de mudança. Ficar incomodado com os saberes engessados em nossa mente ao longo dos séculos é uma atitude sábia de quem se percebe parte do todo.

Daniel Munduruku.

“A comida é quente, então, esperemos esfriar...” **Algumas notas introdutórias:**

A princípio a epígrafe apresentada à cima possa talvez resumir as várias ideias pensadas aqui, Daniel Munduruku com sapiência e sem nenhuma pretensão nos mostra que inquietar-se já é também mudar, e que entre o fixo e o móvel no campo do saber, mais atento é aquele que aguça suas percepções incomodando-se.

A partir da metade do século XX, vemos que a disciplina História, sofreu uma série de transformações, ampliando cada vez mais seu campo de análise principalmente sobre as interpretações culturais e sociais.² Apesar dessa discussão transitar muito pelo campo da historiografia atual, não tenho interesse em me aprofundar nesses temas aqui, porém torna-se necessário marca-los como um ponto de partida para a abordagem que se segue, pois falar em *decolonialidade*, *pós-colonialismo*, *pós-colonial* implica em uma série de questionamentos e (des) afirmações recorrentes ao contexto acadêmico em que essas perspectivas se inserem.

Nesse cenário de muitas abordagens teóricas em aberto, escolhi pensar a partir da América Latina, importantes teóricos que se debruçam sobre a perspectiva decolonial em seus estudos. Que são eles, Anibal Quijano e Walter D. Mignolo, na medida em que rapidamente pode-se afirmar que o primeiro infere suas ideias pensando as relações de poder como frutos da *colonialidade do saber*, conceito desenvolvido por ele ao diferenciar colonialidade de *colonialismo*, (QUIJANO, 2005), já Mignolo compreende as noções formadas de uma geopolítica tal como conhecemos hoje, como herdeira dos processos de colonização, além de vincular outras preocupações como propor uma *desobediência epistêmica* (MIGNOLO,

² Torna-se de conhecimento atual no meio historiográfico as novas maneiras de pensar e escrever a História, sendo elas muito influenciadas pelos mais diferentes “giros” sendo um deles o linguístico, onde a importância da linguagem nos estudos históricos já não pode passar em branco ao decorrer de nossas percepções disciplinares. Essa abertura da disciplina mereceria um debate só para ela, não sendo possível traçar aqui um alongamento dessa discussão por mais profícua que essa pareça ser.

2007). Tais noções desses dois autores servem de base aqui para expandir a discussão a seguir.

Por conseguinte, é necessário que esclareça que vejo o conceito de decolonial não somente como algo que designa posições de pensadores que se contrapõe a formação de um pensamento eurocêntrico, ele desencadeia uma série de questões que vão além da teoria, esboça um movimento que não visa simplesmente inserir e estabelecer sujeitos e contextos “periféricos” de maneira simétrica com conhecimentos *sui generis*, a partir e para um núcleo hegemônico da produção epistemológica. Tal movimento surge com uma proposta de rompimento com esse núcleo que construiu, nivelou e hierarquizou historicamente barreiras com outras formas de saber, onde-se efetivou o único modelo de conhecimento válido e coerente, o de ‘Ciência Universal’ emergente ao laço da temporalidade entendida por alguns como ‘modernidade’.

Necessário que se esclareça também que a abordagem pós-colonial, ainda que leve em consideração o pensamento ocidental, deve ser compreendida de maneira bem mais ampla, ao passo que se volta aos âmbitos de estudos culturais, pretendendo deslocar concepções existentes à compreensão de sujeitos e sujeitas não ocidentais europeus, criticando e marcando as violências advindas do imperialismo, onde esse nas palavras de Spivak “nos da uma alegoria imperfeita da violência geral que é a possibilidade de uma episteme” (2014, p. 85). Ou seja, a chamada crítica pós-colonial, não pode ser reduzida a uma mera significação de crítica literária, bem como não pode ser posta como “reformista” de uma epistemologia ocidental.

Este trabalho ainda em sentido introdutório sobre todas essas múltiplas e complexas questões pretende apresentar por meio de uma narrativa cinematográfica chamada de “*At the play fields of Lord* (Brincando nos Campos do Senhor)”³ de que maneira é e/ou foi vinculado, os discursos e as identidades em torno desse lugar real metafórico, ora aos “campos do senhor”, ora ao “inferno verde”, antes nomeado pelos colonizadores de “região

³ A análise que desenvolvi para a compreensão dos conceitos citados aqui a partir da interpretação do filme, não pretende abarcar uma totalidade de eventos ocorridos no enredo cinematográfico, me atentando apenas a alguns pontos principais, correlacionando linguagem fílmica, temporalidades e a discussão da proposta.

das Amazonas”, hoje chamada de Amazônia, levando em consideração todas essas novas possibilidades de análises, sejam decoloniais ou pós-coloniais.

Representação, discurso e identidade(s):

At the play fields of Lord (Brincando nos Campos do Senhor) é um longa-metragem lançado em 1991 que continha a participação de uma equipe norte-americana e brasileira, sendo dirigido pelo cineasta argentino naturalizado brasileiro Héctor Eduardo Babenco. A narrativa cinematográfica foi inspirada no livro de mesmo nome do filme, escrito pelo novo-iorquino Peter Matthiessen em 1965.

O filme tem como cenário a “exuberante e intocável” floresta amazônica, é neste cenário e se confrontará os principais temas percorridos neste trabalho. Há uma representação espacial sociocultural de um lugar que ao longo do tempo -posterior à colonização- que continuamente habita imaginários diversos, constitutivo de arquétipos de identidades quase que fixas e imóveis, sejam elas vindas de raça, gênero ou classe.

Brincando nos Campos do Senhor tem como protagonista o personagem de Lewis Moon, interpretado pelo ator Tom Berenger, sendo um piloto de avião, descendente de indígenas norte-americanos que juntamente com seu colega de viagem Wolf, (Tom Waits) aterrissam em um vilarejo na Amazônia brasileira, de início são questionados pela segurança daquela localidade Guzman, vivido por José Dumont, que apreende os documentos pertencentes aos dois personagens citados, por aparentes características a respeito da “falta de caráter” dos três sujeitos que se desenrola o filme.

A narrativa então prossegue ao confrontar tais personagens com outros de cunho religioso, cristãos protestantes, Leslie Huben e sua esposa Andy Huben, (John Lithgow) e (Daryl Hannah) posteriormente juntando ao grupo norte-americano Aidan Quinn que interpreta Martin Quarrier, Hazel (atriz Kathy Bates) e seu filho, tal grupo tinha como

objetivo catequisar “os selvagens”, nesse aspecto religioso a divisão da relação de poder de cunho efervescente é contrastada com a do padre residente naquela localidade conhecido como Xantes, interpretado pelo ator brasileiro Nelson Xavier.

Os então sujeitos de caráter pouco lapidados pela “boa e velha moral”, Moon e Wolf para que possam recuperar os documentos confiscados, deve-se atacar uma aldeia indígena chamada de Niaruna conforme as ordens de Guzman. Esse povoamento indígena em questão era um contratempo para os planos expansionistas e ambiciosos desse homem, que por motivos de dominação e em busca de desenvolvimento econômico para ele próprio, advém à ressalva que é o melhor a ser feito, em nome de “todos”.

Notemos então até aqui neste breve resumo desse enredo as perspectivas de representação da realidade por meio de dois discursos que percorrem a violência histórica que comunidades naturais amazônicas de um espaço-tempo sofrem e sofreram em determinados momentos, neste caso pode se afirmar uma a nova e ao mesmo tempo concepção da “palavra de Deus” levada ao mais distante aos seres que foram “desumanizados”, caracterizados assim em suma por não estabelecerem uma relação cósmica cristã normativa dos valores e da moral Ocidental e/ou Ocidentalizada. Pode-se perceber também a sutil e ideológica violência contida na mensagem de “desenvolvimento”, da busca pelas riquezas infindas e do crescente acúmulo de capital, típico do olhar que circunscreve uma sociedade ordenada pela lógica liberal.

Voltemos à narrativa e os conceitos empregados nesta discussão, em um determinado momento o personagem Lewis Moon por meio de um transe, questiona então seu *ethos*, sua constituição subjetiva de sujeito não pertencente a uma realidade (norte-americana) e também não pertencente a outro lugar, ocorre então um encontro conflituoso entre identidade e sua relação com a ancestralidade indígena, posteriormente ao transe o “homem bandido” não somente escolhe conscientemente em não bombardear os Niaruna, como se junta a eles em uma espécie de metamorfose identitária.

Eis que é preciso que demos uma pausa para o seguinte questionamento; *É possível então multiplicarmos algo que nos constitui como sujeitos?* Seja derivado neste contexto de inquietações ancestrais, conforme a proposta do filme. Ou em outros casos pragmáticos de

nossa realidade acionados por noções sexuais, de gênero ou raça, seja por rompimento com discursos hegemônicos constituíamos novas identidades ou ressignificamos as antigas? Um dos mais relevantes teóricos que atualmente propõe uma interessante perspectiva de formação de identidades, que pode ajudar a nos articular nesse emaranhado de questionamentos é Stewart Hall, onde salienta que:

(...) identidade cultural não é jamais uma essência fixa que se mantém imutável, fora da história e da cultura. Nem é dentro de nós, algum espírito transcendental e universal no qual a história não fez marcas fundamentais. Também não é de ‘uma vez para sempre’ Não é uma origem fixa ao qual possamos fazer um retorno final ou absoluto. E, é claro, não é um simples fantasma. Mas é *alguma coisa* – não um mero artifício de imaginação. Tem suas histórias – e as histórias, por sua vez, têm seus efeitos reais materiais e simbólicos. (HALL, 1996, p. 70)

Hall, como bom leitor de Fanon trás muitas discussões levantas por esse importante pensador, a partir de sua ideia de identidade ligada a noção de diáspora, de deslocamento, de mudanças significativas quando ocorre certo *deslocar*, tanto em sentido físico como psicológico, simbólico. A partir dessa acepção, é interessante que possamos localizar e interpretar um modelo⁴ pensado *a priori* que tinha como intuito o controle e de criação de seres colonizados, não mais como inflexível ou invariável, mas digno de complexidades que se estenderam no decorrer do tempo.

Nessa lógica é interessante nos perguntarmos como identificar discursos carregados por representações que silenciam ou que propõem determinadas categorias agenciadas de identidades fixas. *O filme At the play fields of Lord* ao localiza-se enquanto uma narrativa portadora de significado, que ao decodifica-lo esbarramos em preposições diversas, ao qual podem ser entendidas também como variantes conflitantes no processo das diversificações das maneiras perceptíveis da realidade que estão articulando ou criando, espécies de “significados do real”.

⁴ O “modelo” que faço referencia aqui é ao processo de colonização, (no caso da América latina e do Brasil posteriormente a mil e quinhentos) vivenciado pelos lugares onde a expansão europeia e sua justificativa de dominação política e econômica em certa medida declinaram ao decorrer tempo, porém produziram-se no âmbito cultural e social rupturas e continuidades ainda vivenciadas atualmente, por esse espectro colonizador europeu.

Ao embrenhar-se no campo do representar, capturo esse como uma malha “no sentido a dar sentido” ou até mesmo apresentar uma interpretação, portar significados de algo ou alguém. Nesse específico caso, a Amazônia em sua complexa história de sociabilidades carrega historicamente projeções de realidade que em suma foram criadas e reproduzidas ao mais distante, para não demonstrar dinâmica ou não constituir sujeitos plurais, ao contrário, por exemplo, desde os primeiros relatos feitos por europeus a mais de quinhentos anos, esta região é carregada de representações destoantes de sua realidade prática.

Por exemplo, os ameríndios e ameríndias retratados nesse filme, no mundo do imaginativo forjado, “não são muito diferentes do plano real”, ao passo que são caracterizados como principais agentes portadores de uma série de representações que mais parecem alvo do “genérico e do simples”. Constantemente associativos a características discursivamente ocasionadas por não se conhecer *o não* igual, o diferente. Por mais que em contra partida “brincando nos campos do senhor” elabore em alguns momentos atitudes de não sujeição por parte dos indígenas, o pesar da representação contabiliza e salta aos olhos do outrem.

Sendo assim, a interpretação que tentei resumidamente fazer aqui do filme, não é voltada unicamente a indivíduos em específico, buscando interligar sujeitos do relato ao espaço em que este sujeito está sendo incorporado, o lugar já mencionando aqui, onde se constrói e reconstrói, lugar que carrega adjetivos de variações complexas, do paraíso ao inferno a Amazônia é signo de um mundo recorrente desconhecido ao estrangeiro, forasteiro, colonizador, ou até mesmo cineasta.

Tal investigação em sua temporalidade da narrativa aqui citada partir do final do século XX é uma maneira também de tentar encontrar as continuidades, mas também as discontinuidades, os contra discursos a respeito não somente da realidade histórica, como da leitura que está se fazendo de determinado contexto. Em um sentido ‘ficcional’, os agentes da representação que se articulam em determinada instância, promovem tipos de imaginação sobre nosso mundo, vinculando em uma alguma medida “processos-verdade” que precisam ser decodificados.

No decorrer dessa abordagem, criam-se então lógicas de identidades incorporadas aos estereótipos sendo em um processo de discurso colonial muito ligado a algum tipo de

aparelho representativo, o que Homi Bhabha, define como “modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo” (BHABHA, 1998, p. 110). O autor salienta também que tal dispositivo não é uma simplificação porque é uma falsa representação, torna-se simplificação, pois fixa a diferença, nega a alteridade (Bhabha, 1998).

Ao adentrar então no processo de constituição dos discursos torna-se necessário que este possa ser compreendido como uma prática, carregada de significado, posicionado, hierarquizado, portador de uma ordem (Foucault, 2010), os discursos se constituem e constituem práticas sociais. Porém em um mundo fora Ocidente europeu, onde as continuidades das relações coloniais são explícitas é necessário entender que de muitas maneiras é de demonstrar “o colonizado como uma população de tipos de degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução”. (BHABHA, 1998, p. 111).

Partindo desses pontos de vista, é importante aqui levantar uma relação que pode ser entendida como tríplice interacionista entre representação, identidade e discurso, onde nesse contexto pensado, não de ser vinculado nessa interligação o discurso como prática que diz algo, ao passo que também se legitima por meio de representações, maneiras de apresentar algo conforme prescrições complexas, sendo por fim, a identidade o adjetivo que estabelece as amarras entre os dois primeiros pressupostos.

Cortam-se os dedos para deixar intocáveis os anéis, algumas considerações:

No decorrer desses breves parágrafos é provável que se note coisas não ditas, mas que ainda sim podem ser perceptíveis com as pretensões, dada discussão. Uma delas se encarece a respeito das *violências* que combatem, tanto em nível acadêmico como em posições cotidianas fora do ambiente universitário, que por sinal em muitos casos se aparenta ambíguo e deveras contraditório.

Essas violências que cito brevemente não podem ser reduzidas meramente ao campo do tangível, elas incorporam modos de alastramentos mentais ao produzir gentes, coisas, ambientes, etc., ‘imutáveis e estáticos’. Diga-se de passagem, como nossas construções

epistêmicas sobre o *Outro*, constituem em muitas medidas equívocos, o que pode ser levemente suscitado por uma lógica *colonizante*, pois ainda traçam-se caminhos dispares e estereotipados, corroborando cada vez mais a um pensamento colonizador.

Corroboro com a pensadora indiana Spivak, ao acentuar que a constituição do sujeito colonial como este Outro “oferece um relato de como uma explicação e uma narrativa da realidade foram estabelecidas como normativas” (2010, p. 62), ou seja, este relato é pautado a partir e para a formulação ideológica daqueles que estabelecem as normas e padrões, classificando e enumerando os “bárbaros e os civilizados”, para citar apenas esses dois polos contrários, que talvez sejam as categorias mais contraditórias e violentas criadas no processo de constituição da *colonialidade*.

Sendo assim, ao contexto amazônico, parafraseando Eduard Said sobre o que significa *Orientalism*, em um sentido similar pode-se entender algumas práticas carregadas de discursos por via da representação sobre uma espécie de *Amazonismo*, onde se evoca um distorcido abstrato construído historicamente de categorias de identidades fixas, por exemplo, “indígenas, ribeirinhos, caboclos” e outros grupos sociais. Por fim, habitam-se ainda em certos imaginários os discursos de civilização, de ocidentalização e de visões eurocêntricas que precisam ser rompidas.

É necessário então que em alguma medida, ou instância possamos entender e nos posicionar a partir da ideia de colonialidade (QUINJANO, op. cit., p. 02), caracterizando-se este posicionamento igualmente como uma “opção descolonial epistemológica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento.” (MIGNOLO, 2008, p. 290), onde tal rompimento conceitual, epistemológico e como o mesmo salienta não é uma guinada à ignorância, mas a não aceitação e aprisionamento de nossos referenciais criados e guiados pela perspectiva Ocidental (Mignolo, 2008).

Por fim, de maneira breve esse trabalho teve o intuito de analisar alguns conceitos, tomando como exemplo a narrativa cinematográfica “*At the play fields of Lord* (Brincando nos Campos do Senhor)” sobre a Amazônia no final do século passado, procurando entender

de que maneira agem as representações e de como estas estão intimamente ligadas a discursos na pretensa ideia de identidade (s), aparentes ou em complexas transições.

Descolonizar-se, então pode ser uma tarefa alternativa encaminhada pela possibilidade de mudança no arrematar de nossas consciências, mas também nas práticas diversas cotidianas, ainda pensando segundo Munduruku nas linhas iniciais prescritas aqui, o inquietar já é um grande um começo para a mudança.

Referências bibliográficas:

BHABHA, H. K. (2001). O local da cultura. T.: Myriam Á; Eliana L.L. R; Glúcia R. G. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. 441 p.

CARBONIERI, D. (2016). Pós-colonialidade e decolonialidade: rumos e trânsitos. *Revista labirinto*, Rondônia, vol.24, n. 1, p. 280-300 (jan-jun) 2016. Disponível em: < <http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/viewFile/1746/1620/> > Acesso em: 02 set. 2016.

FOUCAULT, M. (2010). *A ordem do discurso*. São Paulo : Ed Loyola, 2010. 80 p.

MIGNOLO, D. W. (1995). La razón postcolonial: herencias coloniales y teorías postcoloniales. *Revista chilena de literatura*, Chile n. 47, p. 91- 114, nov. 1995. Disponível em: < <http://www.estudiosecologistas.org/documentos/reflexion/imperialismo/postcolonial.pdf> > Acesso em: 15 jan. 2016.

_____ (2007). Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, Rio de Janeiro, n. 34, p. 287-324, 2007. Disponível em: < <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf> > Acesso em: 15 set. 2015.

QUIJANO, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas*

latino-americanas. *Colección Sur Sur*, CLACSO, Argentina, p. 107-130 set. 2005. Disponível em: < http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf > Acesso em: 10 set. 2015.

SAID, E. (2007). *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. T.: Rosaura E. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 528 p.

SPIVAK, G. C. *Pode o Subalterno Falar?* T.: Sob a direção de Sandra Regina Goulart A. BH, Ed. UFMG, 2010. 133 p.